

# Descrições e Iconografia do Jardim e Gruta de Camões no Século XVIII

JOÃO F. O. BOTAS\*

---

**RESUMO:** Neste artigo proponho mostrar como a notoriedade da obra *Os Lusíadas* de Luís de Camões está na origem do surgimento em Macau do primeiro local de homenagem ao poeta português através dos relatos dos viajantes estrangeiros que rumaram à China no século XVIII com objectivos comerciais ou diplomáticos. Quando a publicação de livros era ainda diminuta e as limitações técnicas apenas permitiam a inserção de poucas ilustrações, no entanto, a descrição e iconografia da Gruta de Camões são presença constante nestas publicações e tornam-se o primeiro símbolo de Macau além-fronteiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Camões; Gruta de Camões; Viagem; Iconografia; Macau.

---

## INTRODUÇÃO

Com a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama em 1498 o Ocidente e o Oriente passam a estar ligados. Nas viagens que se seguiram, ainda mais para leste, comerciantes e missionários foram os protagonistas das primeiras trocas comerciais e de conhecimento. Serão estes aventureiros os responsáveis pela construção no imaginário colectivo ocidental — em textos, mapas e desenhos — de como eram paragens tão distantes como o ‘muito grande reino da China’, expressão utilizada pelo português Duarte Barbosa (c. 1480–1521) num dos primeiros grandes relatos de viagens do século XVI.<sup>1</sup> Em meados desse século já há muito que os portugueses navegavam na costa do Sul da China, perto do que viria a ser Macau. O Frei

dominicano Gaspar da Cruz, que em 1555 esteve em Cantão, escreve no *Tratado das Coisas da China* que o capitão-mor, Leonel de Sousa:

*Assentou com os chinas que pagariam seus direitos e que lhes deixassem fazer suas fazendas nos seus portos. E de então para cá as fazem em Cantão, que é o primeiro porto da China; e ali acodem os chinas com suas sedas e almíscar, que são as fazendas principais que na China fazem os portugueses. Ali têm portos seguros onde estão quietos, sem risco e sem inquietar ninguém.<sup>2</sup>*

Pela Índia andou também Luís Vaz de Camões (1524–1580). Pertencente à pequena nobreza

---

\* João F. O. Botas, jornalista e autor de vários livros sobre a história de Macau. É autor do blogue *Macau Antigo*.

*João F. O. Botas, journalist and the author of a series of books about the history of Macao. He is the author of the blog Macau Antigo.*

estudou literatura e filosofia em Coimbra. As paixões não correspondidas e as rixas frequentes valeram-lhe vários desterros. O primeiro foi passado em Ceuta onde perdeu o olho direito em combate. O segundo foi na localidade portuguesa de Constância, entre 1547 e 1550, por ofensas a uma dama da corte. Regressado a Lisboa, foi detido em 1552 depois de uma rixa com um funcionário da corte. Consta que terá sido perdoado, mas foi para a Índia. Segundo alguns autores, terá sido por essa altura que compôs o primeiro canto de *Os Lusíadas* ao mesmo tempo que participou em várias batalhas. Daqui viajou para Macau na companhia do que viria a ser o capitão-mor da cidade, Pero Barreto Rolim, tendo os dois chegado em 1562. Algumas fontes indicam que em Macau Camões exerceu o cargo de provedor-mor de defuntos e ausentes (uma versão contestada), tendo vivido no território até 1565, período em que terá escrito uma parte do poema épico. Publicado em 1572, *Os Lusíadas*, depressa se tornou conhecido a nível mundial com múltiplas traduções<sup>3</sup> cuja publicação iniciou-se logo no século XVI: castelhano (1580), latim (1622), inglês (1655), italiano (1658), francês (1735), holandês (1777), russo (1788), polaco (1790), alemão (1806), dinamarquês (1828), sueco (1839), húngaro (1865), etc. No ‘Canto X’ da obra encontram-se as mais óbvias referências a Macau, de onde partiam as naus do trato para o Japão:

*Inda outra muita terra se te esconde  
Até que venha o tempo de mostrar-se;  
Mas não deixes no mar as Ilhas onde  
A Natureza quis mais afamar-se:  
Esta, meia escondida, que responde  
De longe à China, donde vem buscar-se,  
É Japão, onde nasce a prata fina,  
Que ilustrada será co a Lei divina.<sup>4</sup>*

### OS ‘PENEDOS DE CAMÕES’

Tal como *Os Lusíadas*, também a vida de

Camões, torna-se motivo de interesse. Assim, não é de estranhar que desde muito cedo surja a curiosidade em conhecer um dos locais onde, segundo a tradição, o poeta escrevera parte da sua obra maior. Seja por motivos políticos, económicos ou religiosos, os primeiros ocidentais que rumavam à China tinham obrigatoriamente de passar primeiro por Macau, a única porta de entrada no Império do Meio. Nessa escala, o que viria a ficar conhecido primeiro como ‘penedos de Camões’ e depois por ‘Gruta de Camões’, torna-se local de visita obrigatória e passa a fazer parte da memória dos visitantes que depois a plasmas em livros e jornais, surgindo assim o primeiro local de homenagem ao poeta.

Na historiografia macaense uma das mais antigas referências ao nome Camões surge num inventário dos bens do Colégio de S. Paulo quando era reitor o Padre António Francisco Cardim (1596–1659), entre 1632 e 1636. No documento ‘Titulo dos Bens de Raiz deste Coll.º de Macao’<sup>5</sup> refere-se à existência dos ‘penedos de Camões’ junto ao ‘campo dos patanes’. Localizados num terreno propriedade da Companhia de Jesus, perto do Colégio de S. Paulo e da Igreja Mater Dei (Mãe de Deus em latim), os penedos (grandes rochedos) ficavam numa colina na parte norte da Península de Macau com vista sobre o Porto Interior e sobre Patane, uma das primeiras povoações da cidade, habitada por chineses. Em 1759, por ordem do Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos de Portugal e também de Macau. Desta forma a propriedade onde estavam os penedos passa para a posse do Leal Senado que a vende posteriormente. Cerca de 1770, há registo da construção no local de um edifício que viria a ficar conhecido por ‘Casa Garden’ numa alusão à abundante vegetação no cenário envolvente. A partir da segunda metade do século XIX são publicadas as primeiras ilustrações e descrições do local com designações como ‘Camoens Cave’, ‘Grotte du Camoens’, ‘Camoens Grotto’ e ‘Cave of Camoens’.

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

### DESCRIÇÕES NOS RELATOS DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS

Com a proclamação em 1685 do édito imperial que declara a China (Cantão) aberta ao comércio com qualquer nação estrangeira, Macau perde o exclusivo desta actividade e a partir do início do século XVIII sucedem-se as viagens com fins políticos e comerciais, a título particular e oficial, oriundas de países como Inglaterra, Estados Unidos, França, Espanha, Holanda, etc. A evolução das técnicas de impressão no século XVIII fez com que muitos dos relatos destas viagens ficassem registados não só em livros como também em jornais, sobretudo na segunda metade desse século.<sup>6</sup> Nestas publicações, nas referências a Macau a alusão à Gruta de Camões é uma constante, não só em texto como também em ilustrações.

### RESIDENCE OF CAMOENS POR JOHN WEBBER

John Webber (1752–1793) foi o artista inglês integrado na terceira e última expedição de James Cook (1728–1779) ao serviço de Inglaterra. Na viagem iniciada em 1776 e terminada em 1780 o objectivo era descobrir uma ligação entre os oceanos Pacífico e Atlântico através do Mar Ártico. Nesta aventura participaram as embarcações *Resolution*, comandada por Cook, e *Discovery* pelo capitão Charles Clerke. Estiveram em Macau de 1 de Dezembro de 1779 a 13 de Janeiro de 1780 (após a morte de Cook a 14 de Fevereiro de 1779), numa escala para abastecimento que incluiu ainda uma ida a Cantão. A missão de Webber era registar os lugares, pessoas e eventos ao longo da viagem porque as ilustrações dariam uma ideia mais perfeita do que a que podia ser formada apenas a partir das descrições escritas. Em 1784 foi publicado em três volumes o relato oficial da viagem.<sup>7</sup> No terceiro volume estão as informações sobre a escala macaense, incluindo um mapa intitulado

*Sketch of Typa and Macao* e uma breve descrição do Jardim e Gruta de Camões:

[Tradução do autor] *Enquanto estávamos ancorados junto à Taipa, mostraram-me, num jardim pertencente a um senhor inglês de Macau, a rocha, sob a qual, segundo a tradição, o poeta Camões costumava sentar-se e compor os seus Lusíadas. É um grande arco, de pedra sólida, formando a entrada de uma gruta escavada no terreno atrás. A rocha é ofuscada por grandes árvores e oferece uma ampla e magnífica vista sobre o mar e as ilhas em redor.*<sup>8</sup>

Vários membros da expedição de Cook publicaram os seus relatos em livros no final do século XVIII e nos primeiros anos do século XIX. Nas edições ilustradas encontram-se duas representações de Macau, uma que mostra o Templo de A-Má numa perspectiva lateral e outra com uma vista panorâmica com a legenda ‘Vista de Macau, incluindo a residência de Camões, (poeta português) quando escreveu *Os Lusíadas*’.<sup>9</sup>

### SAMUEL SHAW E A ‘ENCANTADORA CASA DA HORTA’

Samuel Shaw (1754–1794) chegou à costa do Sul da China pela primeira vez em 1784 a bordo do *Empress of China*, o navio enviado pelo Governo dos Estados Unidos da América na primeira viagem àquelas paragens, tentando recuperar o tempo perdido para os ingleses estabelecidos desde os primeiros anos do século XVIII. Em 1787, Shaw tornou-se no primeiro representante diplomático dos EUA na China tendo vivido na região vários anos. No diário que escreveu durante esse período refere os jardins da ‘encantadora casa da horta’ que classifica como ‘paraíso terrestre’, célebre pelo facto de Camões ali ter escrito *Os Lusíadas*:

## HALF MILLENIUM OF CAMÕES



Fig. 1: *View in Macao including the Residence of Camoens where he wrote his Lusiad* (1788), John Webber. Biblioteca Nacional da Austrália, objecto de digitalização: 2099133.

[Tradução do autor] *Macau tem paisagens muito bonitas, uma das quais é demasiado notável para ser ignorada. É uma colina na costa ocidental da península e proporciona uma vista da cidade, do porto e das ilhas vizinhas. Ali está uma elegante casa com jardins, bastante extensos e criteriosamente dispostos, proporcionando um paraíso terrestre. O espaço tem sido ocupado por europeus e actualmente é a residência dos senhores Lance e Fitzhugh,<sup>10</sup> da Companhia Britânica das Índias Orientais, que ali têm gasto somas consideráveis e disposto o espaço ao seu gosto. É tão eminentemente encantadora que recebeu o nome de Casa da Horta ou Casa do Jardim. Os custos de manutenção são a razão pela qual nenhum dos mais abastados de Macau optou por comprar a propriedade. Uma circunstância que contribui para a celebridade deste jardim é que, num arco natural, formado por duas rochas, e uma terceira no topo, o célebre Camões escreveu Os Lusíadas, [...].<sup>11</sup>*

## A ‘GROTE DU CAMOENS’ NO MAPA DE GUIGNES

Nascido em Paris, Chrétien Louis Joseph de

Guignes (1759–1845) foi comerciante, diplomata e estudioso da cultura chinesa. Filho do sinólogo Joseph de Guignes, aprendeu chinês com o pai e viajou para a China em 1784, tendo vivido em vários locais do Sul do Continente Chinês durante quase 20 anos, nomeadamente em Macau, antes de regressar a França em 1801. No volume 3 de *Voyages à Peking, Manille et l’Île de France, faits dans l’intervalle des années 1784 à 1801*, Guignes refere-se à ‘Casa do Horto’<sup>12</sup> como sendo o maior jardim de Macau onde fica localizado um rochedo que terá ‘servido de retiro ao célebre Camões’.

[Tradução do autor] *Os jardins em Macau são raros e pequenos; só um é grande e guarnecido de árvores: é o da chamada Casa do Horto, há muito tempo ocupado por ingleses, que cultivam o terreno segundo o gosto do seu país. Fica neste jardim um rochedo que se diz ter servido de retiro ao célebre Camões, quando compunha os seus Lusíadas.<sup>13</sup>*

Na versão ‘Atlas’ (apenas gravuras) desta obra inclui-se um mapa — *Plan de la Ville de Macao* — onde se refere a localização da ‘Grote du Camoens’ (n.º 40 no mapa) junto à povoação de Patane (n.º 5 no mapa). É muito provavelmente o primeiro mapa a incluir uma referência à Gruta de Camões.

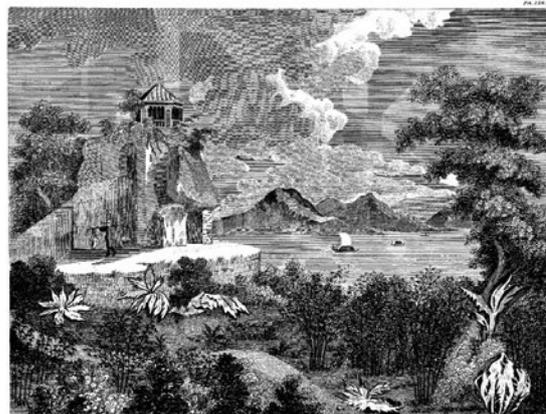
## CAMOENS’ CAVE DE THOMAS E WILLIAM DANIELL

Thomas Daniell (1749–1840) era já um conceituado pintor quando, juntamente com o seu sobrinho e aprendiz do ofício William Daniell (1769–1837), de apenas 16 anos, conseguiram autorização da Companhia das Índias Orientais para se instalarem na Índia como pintores. Partiram de Inglaterra a 7 de Abril de 1785 a bordo do *Atlas* rumo à China, tendo chegado a Whampoa no final

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

de Agosto desse ano e vivido vários meses entre Cantão e Macau, produzindo inúmeros desenhos. De Macau partiram para Calcutá onde chegaram em 1786 e viveram cerca de uma década. No regresso a Inglaterra em 1794 — passaram novamente por Macau e Cantão — transformaram os esboços em pinturas a cores que depois foram usadas em vários livros, incluindo o *Oriental Scenery* publicado em 6 volumes entre 1795 e 1808 com mais de uma centena de ilustrações e o *A Picturesque Voyage to India; by the Way of China*, publicado em 10 volumes entre 1795 e 1810 e onde surge a Gruta de Camões (*Camoens' Cave*) com uma breve referência biográfica do poeta:

[Tradução do autor] *É encantador descobrir num canto remoto da Ásia um objecto como a Gruta de Camões, consagrada à memória do génio europeu. É bem sabido que o bardo aventureiro, tendo-se entregado com demasiada liberdade à sátira, foi desonrado por Francisco Barreto, vice-rei de Goa, e banido para Macau. A tradição ainda preserva alguns registos da sua residência. O visitante é conduzido ao topo da rocha por onde o poeta costumava caminhar e onde hoje se ergue uma casa de veraneio, com vista para o porto de Macau: mas foi nesta romântica gruta que teve o prazer de passar os seus dias e horas de lazer, esquecendo as dificuldades do passado e do presente no luxuoso exercício de sua imaginação. Seu exílio foi suavizado pela bondade que experimentou; e obteve uma nomeação lucrativa, que lhe permitiu em cinco anos realizar uma fortuna considerável: mas, como Spenser,<sup>14</sup> perdeu tudo num naufrágio; e finalmente regressou a Portugal tão pobre como o deixou. Morreu em Lisboa em 1679,<sup>15</sup> aos sessenta e dois anos.<sup>16</sup>*



THE GROTTTO of CAMOENS.

Fig. 2: *The Grotto of Camoens*, Eyles Irwin (ca. 1793). Fonte: *The Oriental Collections: Consisting of Original Essays and Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers; Illustrating the History and Antiquities, the Arts, Sciences, and Literature of Asia*, vol.1 (Londres: Cadell & Davies, 1797–1800), 126.

## O ‘OBSERVATOIRE’ DE LA PÉROUSE

Jean-François de Galaup, Conde de La Pérouse (1741–1788) chegou a Macau a 3 de Janeiro de 1787 como comandante de uma expedição científica à volta do mundo ordenada pelo Rei de França, Luís XVI. Nos cerca de 30 dias que estiveram em Macau os membros da tripulação construíram um posto de observação num dos pontos mais elevados do Jardim de Camões, junto ao muro que delimitava a propriedade, com vista para o Porto Interior (miradouro que ainda hoje existe), ‘onde efectuaram várias observações astronómicas’,<sup>17</sup> bem como junto ao Convento de Santo Agostinho.<sup>18</sup>

## A EMBAIXADA DA COMPANHIA HOLANDESA DAS ÍNDIAS ORIENTAIS

Andreas Everardus van Braam Houckgeest (1739–1801) foi um comerciante holandês–americano que fez parte da embaixada à China da Companhia Holandesa das Índias Orientais em 1794/95. No regresso de Pequim passaram por Macau em Maio de 1795. O registo desta viagem foi publicado pelo próprio nos EUA em 1797 sob o título *Voyage de l’ambassade de la Compagnie*

## HALF MILLENIUM OF CAMÕES

*des Indes Orientales Hollandaises, vers l'empereur de la Chine, dans les années 1794 & 1795: OÙ se trouve la description de plusieurs parties de la Chine inconnues aux Européens, & que cette Ambassade à donné l'occasion de traverser.* No volume 2 da obra encontra-se uma descrição bastante pormenorizada do Jardim e Gruta de Camões indicando-se que o miradouro no topo da gruta foi construído em 1772:

[Tradução do autor] *Quase não há casas de tijolos em Macau porque são muito caras.*

*Quanto a particularidades da natureza, diferente das que relatei até agora de Macau, não há nenhuma excepto o Rochedo de Camões, este Virgílio de Portugal, que merece que me detenha um momento para falar dele. Este rochedo, de dimensões muito consideráveis, formado pela natureza tem duas rochas semelhantes que parecem formar uma porta ou passagem. Sob esta passagem encontramos um local agradável e fresco onde podemos sentar-nos e de onde temos uma vista encantadora primeiro de um pomar, e depois dele descobrimos campos de arroz que se estendem até à aldeia chinesa, Mongha, [...]*

*A base do Rochedo de Camões está assente numa colina alta e rodeada por árvores de grande porte, no fundo da qual existe uma espécie de vale com um amplo jardim, plantado com arbustos e árvores frutíferas e que depende de uma conhecida casa sob o nome de Casa de Horta (Casa de Jardim), que pela extensão da mesma é uma espécie de viveiro. Esta casa foi habitada durante vários anos por oficiais de alta patente da Companhia Britânica das Índias Orientais. A tradição assegura que foi neste local que*

*o famoso Camões completou o seu poema Os Lusíadas e, na verdade, a natureza do lugar e a localização são adequadas para despertar uma imaginação poética e animar a verve de um estudante das musas. Não há, portanto, nada nesta opinião que careça de plausibilidade e, pelo contrário, é muito natural pensar que esta obra de génio foi produzida num local ao qual a natureza já tinha dado um carácter extraordinário feito para inflamar o pensamento.*

*O proprietário da Casa de Horta mandou nivelar o cume redondo do Rochedo de Camões em 1772 e ali colocou uma cúpula hexagonal, aberta dos lados, formando um miradouro, nome justíssimo aos olhos de quem quer que seja e se deixe guiar pelo olhar no vasto horizonte.<sup>19</sup>*

#### UMA RARA ILUSTRAÇÃO E DESCRIÇÃO POR EYLES IRWIN

Com um total de 3 volumes, *The Oriental Collections: Consisting of Original Essays and Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers; Illustrating the History and Antiquities, the Arts, Sciences, and Literature, of Asia*, foi editado por William Ouseley e publicado entre 1797 e 1800. Trata-se de uma compilação de artigos de vários autores. O texto sobre Macau intitula-se ‘*A Description of the Grotto of Camoens, at Macao, on the Coast of China; with a View. By Eyles Irwin, Esq. M. R. I. A. 1793*’.<sup>20</sup> Como o título indica, a ilustração e o texto são da autoria de Eyles Irwin (1751–1817) e datam de 1793. A imagem com a legenda ‘*The Grotto of Camoens*’ terá servido de inspiração a uma aguarela de William Alexander (1767–1816) que por sua vez a intitula *Camoens Grotto at Macao from a Chinese Drawing*, ou seja, admitindo que não era seu o original. A ilustração

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

de Eyles Irwin viria a ser usada, de forma parcial, no livro de 1820, *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*, da autoria de John Adamson. Será que Irwin também se inspirou para a sua ilustração da gruta num ‘desenho chinês’? Certo é que estas duas ilustrações têm muitas semelhanças, não só em termos de perspectiva como também dos elementos presentes: figuras humanas chinesas (incluindo a vara usada aos ombros para transporte de mercadorias), embarcações típicas chinesas e as montanhas.

[Tradução do autor] *Os talentos e infortúnios do célebre Camões parecem ter sido de igual proporção pelo que é difícil dizer quais foram os mais notáveis. [...]*

*A gruta de Camões está agradavelmente situada na margem ocidental do promontório de Macau e fica voltada para o porto que a separa do continente. Este promontório é uma estreita faixa de terra cuja superfície pedregosa e árida só se torna habitável pelas brisas marítimas que sopram e amenizam o calor natural do clima. São poucas as árvores e a vegetação e concentram-se nos terrenos junto à gruta. Ao gosto e entusiasmo do Sr. William Fitzhugh, um dos antigos sobrecargas da Companhia em Cantão, existe um memorial à vida e obra do poeta permitindo ao público a oportunidade de prestar uma homenagem no seu santuário. A área de alguns hectares é única na sua diversidade e o local o mais romântico, tendo em conta a dimensão. [...] Ao centro fica o ponto mais elevado da colina, sobre a qual se ergue um conjunto de menires tendo no topo um templo, ao gosto chinês, que coroa a gruta de Camões. Esta é apenas uma escavação tendo na rocha abaixo um perfil do poeta desenhado na parede sendo este o único mérito da genialidade do lugar.*

*Nada pode ser mais bonito do que a vista deste local. Dos lados Este e Norte a colina proporciona abrigo, a Sul permite ver a cidade de Macau com as suas igrejas e fortalezas, e a Oeste temos a vista de ilhas verdejantes e uma costa arborizada e cultivada, delimitada pela majestosa Montanha, cuja forma piramidal e aspecto sombrio acrescentam grande charme a este cenário natural.<sup>21</sup>*

## MACAU NA PRIMEIRA VIAGEM DE PETER DOBELL À CHINA

Peter Dobell (1772–1852), marinheiro de origem irlandesa, visitou várias vezes o Sul da China, incluindo Macau, entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Deixou as memórias desses tempos no livro de 1830, *Travels in Kamtchatka and Siberia; with a Narrative of a Residence in China*, onde refere a ‘Caza de Horta’ como ‘um dos lugares mais românticos do mundo’. A primeira vez que esteve em Macau foi em 1798:

[Tradução do autor] *Quando visitei a China pela primeira vez, ainda não tinha visto nenhuma outra parte da Ásia. Foi no mês de Agosto de 1798 que o nosso navio ancorou a leste de Macau, perto do famoso rochedo da Pedra Branca. [...]*

*Um dos locais mais românticos do mundo é a Casa da Horta, sobranceira ao porto interior, que ficou famosa por ter uma gruta, onde Camões, o célebre poeta português, compôs o seu poema *Os Lusíadas*. O jardim foi cuidado por dois britânicos, o Sr. Drummond<sup>22</sup> e o Sr. Roberts, que muito se empenharam para o embelezar.<sup>23</sup>*

## A EMBAIXADA DE MACARTNEY

A primeira missão diplomática inglesa à

## HALF MILLENIUM OF CAMÕES



Fig. 3: *Camoens Grotto at Macao*, William Alexander (1793).

China foi ordenada em 1792 pelo Rei Jorge III (1738–1820) e entregue à liderança do experiente diplomata George Macartney (1737–1806). Tinha como objectivos a abertura de novos portos para os ingleses, o estabelecimento de uma embaixada permanente em Pequim, a cedência de uma pequena ilha para uso britânico ao longo da costa da China e a diminuição das restrições comerciais aos comerciantes britânicos em Cantão. Depois da chegada a Macau do navio *Lion* no final de 1792 a comitiva partiu em direcção a Pequim e a Jehol (Chengde) onde chega em Junho de 1793. No encontro com o imperador, Macartney recusou fazer o *kau-tau* (prostração) em frente ao Imperador Qianlong (1711–1799), uma falha nas regras apertadas do formalismo que ficou para a história como tendo originado a rejeição de todas as propostas inglesas em Outubro de 1793. O facto é que à China não interessava dar tratamento especial a nenhuma nação em particular como se

pode concluir da carta com a resposta do Imperador da China ao Rei de Inglaterra.<sup>24</sup> Não obstante o fracasso político, esta embaixada daria origem a uma vasta produção de iconografia sobre a China, ainda bastante desconhecida no Ocidente, e também sobre Macau, nomeadamente sobre o Jardim e Gruta de Camões, em textos, mapas, desenhos e pinturas.

Regressado da missão falhada em Pequim, Macartney chega a Macau a 17 de Janeiro de 1794 sendo recebido pelo governador. Após esta audiência ‘dirigiu-se à residência do Sr. Drummond, um dos altos funcionários da Companhia das Índias Orientais, onde Sua Senhoria residiu durante a sua estada neste local’.<sup>25</sup> O relato é de Aeneas Anderson no livro *A Narrative of the British Embassy to China, in the Years 1792, 1793, and 1794; Containing the Various Circumstances of the Embassy; with Accounts of Customs and Manners of the Chinese; and a Description of the Country, Towns, Cities, &c. &c.*, publicado em 1795. Anderson era o criado/assistente pessoal de Macartney, incluindo guarda-roupa e objectos pessoais. O seu testemunho inclui uma descrição do edifício então arrendado por Drummond:

[Tradução do autor] *A residência de Lord Macartney é um dos locais mais bonitos que a imaginação pode conceber. Era pequena, mas construída à maneira inglesa e rodeada de áreas de lazer com uma extensão considerável, com uma bela apresentação proporcionando pontos de observação e sombra. A vista que proporciona combina uma imagem encantadora de rio e mar, uma ilha com muita vegetação<sup>26</sup> e uma costa montanhosa.<sup>27</sup>*

#### O RELATO OFICIAL DA EMBAIXADA DE MACARTNEY

George Leonard Staunton (1737–1801) foi o secretário oficial da embaixada e também o autor

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

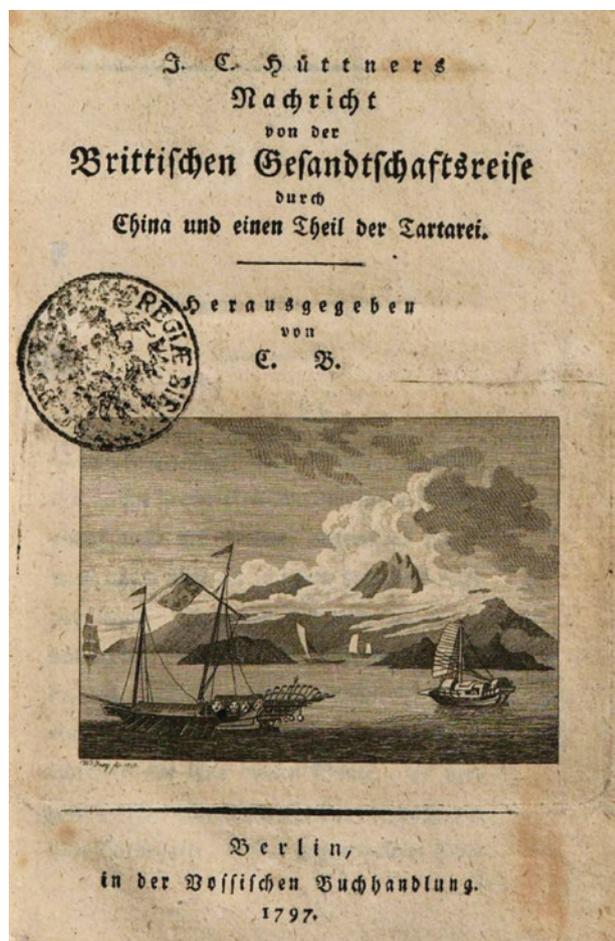


Fig. 4: Capa do livro *Nachricht von der Britischen Gesandtschaftsreise durch China und einen Theil der Tartarei* de J. C. Hüttners (Berlim: Vossische Buchhandlung, 1797).

do relato oficial da viagem no livro *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*. Publicado em 1797, inclui uma descrição da ‘Camoens’s Cave’:

[Tradução do autor] *Num conjunto de rochas reunidas provavelmente da mesma maneira, há uma caverna a meio da colina mais alta da vila chamada Gruta de Camões por, segundo a tradição corrente na povoação, o poeta português com esse nome tendo aqui residido bastante tempo, escreveu naquele local o seu célebre poema Os Lusíadas, [...]*

*Esta interessante gruta encontra-se agora no meio do jardim pertencente a uma casa onde ficaram hospedados em Macau o Embaixador e dois elementos da sua comitiva, a convite de um dos senhores da Companhia Britânica das Índias Orientais, que ali residia quando não era chamado a Cantão. Esta casa e jardim proporcionam vistas magníficas. No jardim nada foi negligenciado. Bastante diversificado, contém belos arbustos e árvores frutíferas crescendo em aparente irregularidade que parecem ter nascido de forma espontânea e natural. As caminhadas fazem-se pelas várias encostas, por entre arvoredos e sob penedos; e esses caminhos sinuosos dão uma maior dimensão a toda a propriedade.*<sup>28</sup>

Para além de um mapa de Macau, neste livro a única ilustração sobre o território é a Gruta de Camões, da autoria de William Alexander, um dos desenhadores da comitiva e o que mais ilustrou a gruta tendo produzido pelo menos cinco obras. Tem como legenda:

[Tradução do autor] *A Gruta de Camões em Macau, onde se diz que este poeta compôs o seu famoso poema Os Lusíadas: a coluna que parece sustentar a imensa rocha saliente é moderna e perfeitamente desnecessária, tendo a rocha ali estado pendurada durante séculos sem a ajuda do pilar.*<sup>29</sup>

## UM ALEMÃO NUMA EMBAIXADA INGLESA

O alemão Johann Christian Hüttner (1766–1847), depois de se formar na Universidade de Leipzig em 1791, foi viver para Inglaterra onde seria o tutor do filho de George Staunton que viria a ser o secretário da embaixada liderada por Lord Macartney. Hüttner seguiu na comitiva onde ficaria ainda encarregue de traduções para

## HALF MILLENIUM OF CAMÕES

latim, nomeadamente de ofícios e cartas primeiro traduzidos pelos padres ocidentais instalados na corte imperial chinesa. Entre 1792 e 1794, enquanto esteve na missão, Hüttner enviou cartas aos amigos na Alemanha onde relatou essa experiência. Esses registos seriam vendidos a um livreiro em Leipzig que logo em 1797 os publicaria num livro em alemão intitulado *Nachricht von der Brittschen Gesandtschaftsreise durch China und einen Theil der Tartarei* (Notícias da Viagem da Embaixada Britânica pela China e Parte da Tartária). Ainda que de forma sucinta, também Hüttner refere ‘o local preferido’ do poeta Camões.

[Tradução do autor] *O belo poema português, Os Lusíadas, que recentemente se tornou mais popular através da tradução inglesa de Mickle,<sup>30</sup> acompanhada de ricas notas, foi escrito em Macau por Camões. Ainda conhecemos o local preferido do poeta; escolheu a depressão numa rocha elevada, larga o suficiente para formar um local confortável. A vista daí domina várias pequenas ilhas, que formam um conjunto muito pitoresco ao nascer e pôr-do-sol quando o mar está calmo.*<sup>31</sup>

### JARDIM E GRUTA DE CAMÕES NO DIÁRIO DE MACARTNEY

Com 28 anos, John Barrow (1764–1848) fez parte da embaixada inglesa na qualidade de secretário pessoal de Macartney. Em 1804 publicou o seu testemunho da viagem no livro *Travels in China* (sem referências ao Jardim e à Gruta de Camões). O livro saiu antes da publicação da obra em 1808 que teve por base o diário de Macartney intitulado *An Embassy to China: Being the Journal Kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Ch'ien-Lung, 1793–1794*. No registo pessoal, o embaixador destaca a ‘esplêndida localização’ da sua residência enquanto esteve em Macau.

[Tradução do autor] *A maioria dos elementos da embaixada está alojada na feitoria inglesa. O meu alojamento fica numa casa na parte alta da cidade, arrendada pelo Sr. Drummond, que teve a gentileza de a ceder durante sua ausência. Tem uma esplêndida localização tendo ao lado um jardim romântico de dimensões consideráveis. A tradição local diz que foi antigamente a habitação do célebre Camões tendo aqui escrito seus Lusíadas.*

*É aqui que vamos ficar até que os navios que nos vão levar a casa, agora treze no total, estejam prontos para partir, o que se calcula que ocorrerá em menos de seis semanas, e então seguiremos, no Lion, que irá liderar a frota até Inglaterra.*<sup>32</sup>

### PLANTA DO JARDIM DE CAMÕES

O capitão Henry William Parish, do Royal Regiment of Artillery, foi um dos elementos da vasta comitiva de Macartney constituída por cerca de uma centena de pessoas. Para além de militar, Parish era também um exímio desenhador e fez um levantamento topográfico exaustivo do que chamou de Jardim de Camões. É muito provavelmente o primeiro trabalho do género sobre este espaço. A planta feita em aguarela intitula-se *Plan of Camões' Garden* numa escala em que uma polegada (2,5 cm) desenhada corresponde a 60 pés (18 metros) na realidade. A precisão com que esta planta foi elaborada pode ser atestada ao milímetro numa comparação com uma imagem de satélite do Jardim de Camões no século XXI. Na legenda da planta pode ler-se:

[Tradução do autor]

*A. Casa de veraneio sobre o Rochedo de Camões [pequena edificação/miradouro com acesso pedonal].*

MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

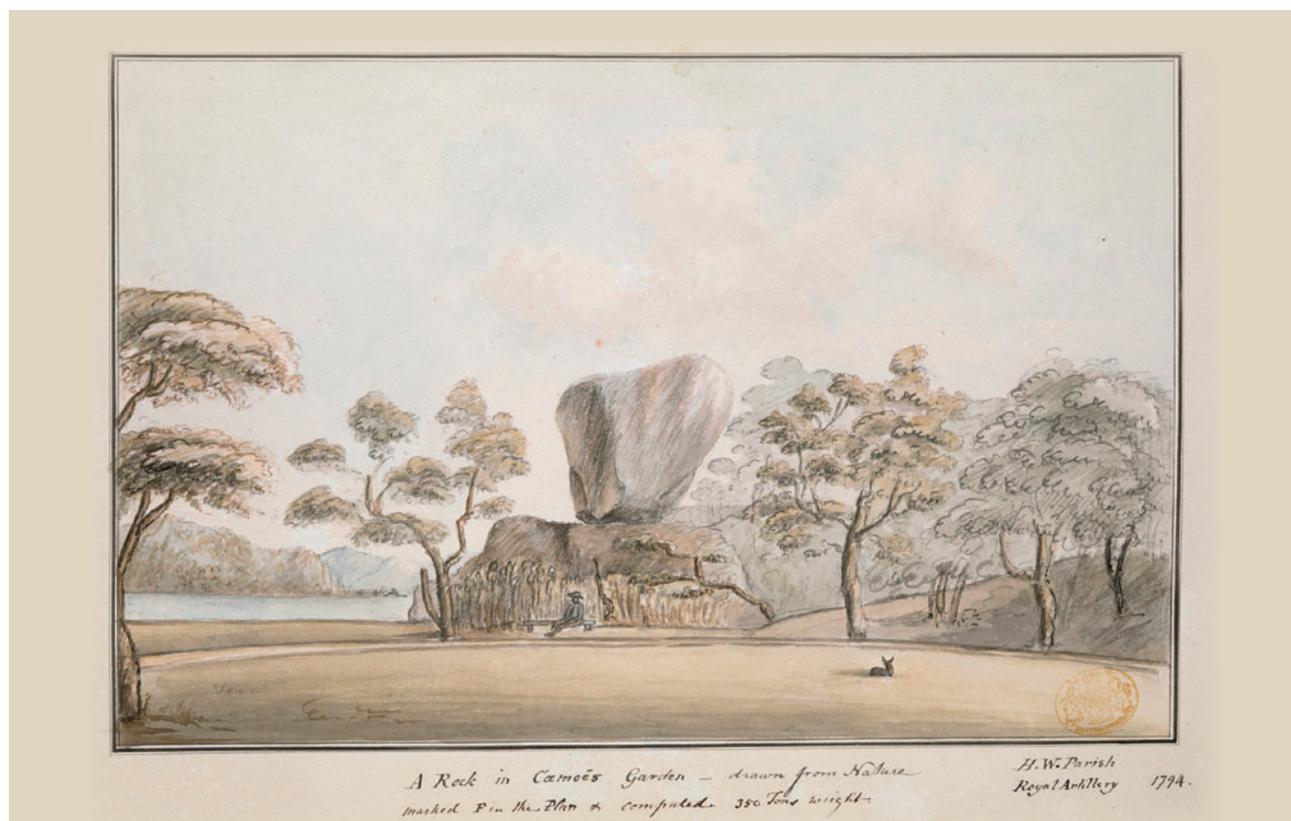


Fig. 5: *A Rock in Camoës Garden — drawn from Nature marked F in the Plan & computed 350 Tons weight*, H. W. Parish, Royal Artillery (1794). Cortesia do Arquivo da Biblioteca Britânica.

*B. Assentos/Bancos no jardim. [4 no total]*

*C. Poços. [4 no total]*

*D. Casa de verão entrelaçada com arbustos.*

*E. Vigia de alvenaria bruta.*

*N.B. Os passeios em geral são sombreados por bambus e as árvores são impermeáveis à vista.*

*A. 27,4 metros mais alto que o ponto F.<sup>33</sup>*

Esta última nota é uma referência à altura da edificação no topo da gruta em comparação com outro local do jardim indicado noutro desenho com a letra F. O ponto F referido na planta remete para outra ilustração que tem como legenda: ‘*A Rock in Camoës’ Garden — drawn from Nature marked F in the Plan & computed 350 Tons weight.*’ Ou seja,

‘Um rochedo no Jardim de Camões desenhado no local marcado com a letra F na Planta com o peso calculado de 350 toneladas’. Corresponde à zona onde está o Templo de Tou Tei (Deus da Terra).

A estrutura no topo da gruta, referida no ponto A, seria destruída em 1885 após a compra da propriedade pelo Governo de Macau. Num relatório assinado pelo director das Obras Públicas da Província de Macau e Timor, José Maria de Sousa Horta e Costa, de 1 de Julho de 1886 pode ler-se:

*Esta gruta formosíssima achava-se precedida por um portico de alvenaria, e tapada com uma grade de madeira, que a desfejavam bastante, e sobre ella levantava-se um kioske*

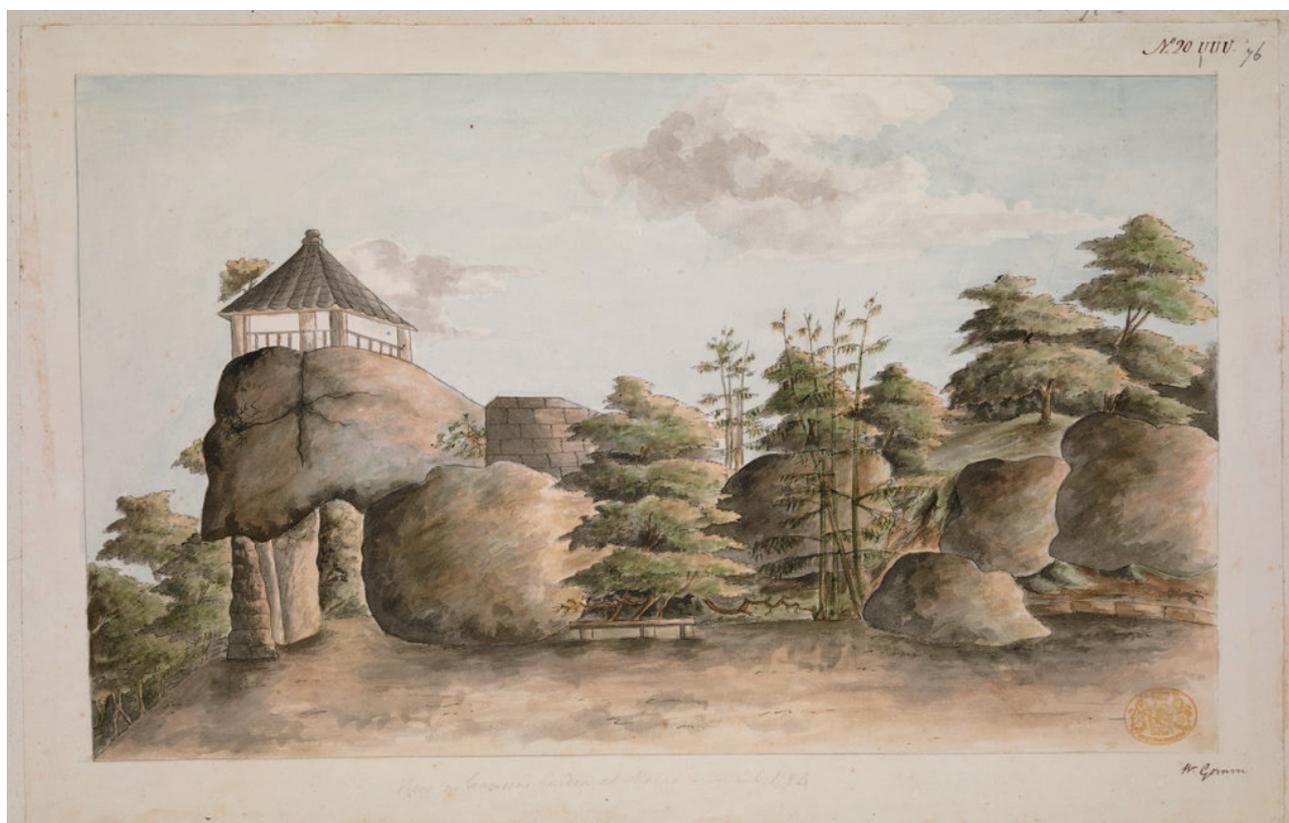


Fig. 6: *View in Camoens' Garden at Macao*, William Gomm (1794). Cortesia do Arquivo da Biblioteca Britânica.

*de pouco gosto e em máo estado. Tudo isto foi arrancado, conservando-se apenas a obra da natureza, devendo mais tarde este local ser devidamente adornado.*<sup>34</sup>

Para além de quatro bancos de jardim e quatro poços, na planta indica-se o ponto E. como sendo um ponto de vigia feito de alvenaria. Trata-se do miradouro construído para local de observações científicas da expedição francesa de Jean-François de Galaup realizada entre 1785 e 1788. Embora não seja referido na legenda, o edifício denominado 'Casa Garden' está desenhado do lado esquerdo da planta. Construído em c. 1770 estava inserido na propriedade adquirida em 1815 pelo comerciante português Manoel Pereira.<sup>35</sup> Note-se o pormenor de

estar assinalado um poço que ainda hoje existe no interior do edifício.

Na planta são ainda desenhadas inúmeras árvores e arbustos. David Stronach e John Haxton, os dois botânicos da comitiva de Macartney, elaboraram um inventário das espécies de plantas existentes no jardim<sup>36</sup> nos primeiros meses de 1794. Da lista, actualmente no espólio da Universidade Cornell (EUA), fazem parte árvores de grande porte, incluindo frutíferas, estas últimas típicas das hortas que os jesuítas cultivavam no território. No livro de 1979, *Guide to the Gardens of Britain & Europe*, as autoras Elizabeth Drury e Harriet Bridgeman indicam que quando James Drummond saiu de Macau levou consigo alguns exemplares de plantas do Jardim de Camões.<sup>37</sup>

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES



Fig. 7: *The Grotto of Camoens, Macao*, Thomas Allom (1843). Biblioteca Pública de Nova Iorque, Coleções Digitais, ID 1266598.

## O MISTÉRIO DO BUSTO

Embora o Monsenhor Manuel Teixeira em vários dos livros que publicou<sup>38</sup> refira que no relato oficial da embaixada de Macartney seja mencionado haver um busto de Camões na gruta, na verdade o que o monsenhor reproduziu foi o relato de uma outra embaixada inglesa, liderada por Lord Amherst. Realizada entre 1816 e 1817, também passou por Macau, nomeadamente a 23 de Janeiro de 1817, referindo-se um busto ‘mal executado’, o que terá sido a primeira versão do busto feita de argila por ‘artistas chineses’, segundo algumas fontes.<sup>39</sup> Este lapso/erro do Monsenhor M. Teixeira tem sido reproduzido por múltiplos autores e publicações até hoje. No entanto, os primeiros documentos que atestam de forma consistente a existência de um busto de Camões na dita gruta são do início do século XIX sendo o testemunho de Amherst muito provavelmente o primeiro. Na obra já referida da autoria de Eyles Irwin este não refere existir um busto, apenas ‘um perfil do poeta desenhado na rocha, sem nenhum mérito além de nos lembrar da genialidade do lugar’.<sup>40</sup> Diz ainda que quem tratava

do espaço, com ‘entusiasmo’, era William Fitzhugh (1757–1842),<sup>41</sup> arrendatário da propriedade desde pelo menos 1785 (anterior a James Drummond), também um alto funcionário (sobrecarga) da Companhia Britânica das Índias Orientais entre 1779 e 1787.

## PRIMEIROS REGISTOS ICONOGRÁFICOS

Eyles Irwin, John Webber, William Daniell, Thomas Daniell, William Alexander, H. W. Parish e William Gomm são alguns dos nomes que primeiro desenharam e pintaram a Gruta e Jardim de Camões em Macau. Têm em comum o facto de o terem feito na última década do século XVIII. De todos destaca-se William Alexander, da embaixada de Macartney, pela quantidade de obras que produziu, admitindo-se que se tenha desenhado a si próprio junto à gruta. Com 26 anos, era colega de William Gomm, também integrado na embaixada e autor de uma aguarela feita em Março de 1794 com a legenda ‘Vista de um jardim de lazer, em Macau, com um miradouro no topo de uma colina à esquerda e um banco rodeado de árvores e pedras no centro’.<sup>42</sup> Embora algumas das ilustrações destes autores tenham sido publicadas na época em livros, a maioria nunca foi e está hoje guardada em colecções particulares e institucionais, nomeadamente em museus no Reino Unido.

Uma das imagens mais conhecidas da Gruta de Camões, bem como de outras partes de Macau, é de meados do século XIX sendo o autor Thomas Allom (1804–1872). Até hoje não se encontraram provas de que este pintor e arquitecto inglês tenha estado na China ou em Macau. Na viagem mais longa que fez ficou-se pelo Médio Oriente, no que hoje corresponde à Turquia. As suas ilustrações seriam publicadas na obra de 1843, *China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits, of that Ancient Empire*, com texto de George Newenham Wright (1794–1877), um reverendo que também não esteve na China. Ainda assim, os dois são



Fig. 8: *Camoens' Cave, Macao*. Fonte: Thomas Daniell e William Daniell, *A Picturesque Voyage to India by the Way of China* (Londres: Longman, Hurst, Rees, e Orme, 1810).

autores de uma das obras de referência sobre a China publicadas no século XIX. Para o imenso sucesso do livro também contribuiu o facto de ter sido editado em duas cidades: Londres e Paris. Como foram feitas então as ilustrações e o texto?

A resposta está na capa do livro onde pode ler-se 'desenhado a partir de esboços originais e autênticos, por Thomas Allom'.<sup>43</sup> Ou seja, os autores tiveram por base relatos e desenhos produzidos por outrem nos últimos anos do século XVIII e nos primeiros do século XIX. No prefácio informa-se que algumas das obras consultadas eram da autoria do missionário alemão Karl Friedrich A. Gützlaff (1803–1851) — viveu em Hong Kong

e Macau tendo colaborado na tradução da Bíblia para chinês com Robert Morrison — e menciona-se que um 'agradecimento adicional também é devido a Sir George Staunton pela permissão em copiar da sua bela colecção de desenhos chineses de artistas nativos'.<sup>44</sup> No caso da Gruta de Camões, as semelhanças entre os traços de Allom e os desenhos feitos no final do século XVIII por Eyles Irwin e William Alexander são notórias. O mais curioso nesta busca por saber quem primeiro desenhou a Gruta de Camões é que o próprio William Alexander na legenda manuscrita que incluiu na sua obra *Camoens Grotto* refere ter sido feita 'a partir de um desenho chinês'.

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As múltiplas traduções de *Os Lusíadas* a partir do século XVI granjearam tamanha notoriedade a Luís de Camões que o seu nome passa a ser uma referência obrigatória nos relatos dos viajantes estrangeiros que nas viagens à China com fins comerciais ou diplomáticos tinham de fazer escala em Macau. Estes primeiros testemunhos em texto e iconografia foram plasmados em livros ao longo do século XVIII e estão na origem do surgimento em Macau da Gruta de Camões como primeiro local de homenagem ao poeta português que viveu no território durante algum tempo em meados do século XVI. Quando a publicação de livros era ainda diminuta e as limitações técnicas apenas permitiam a inserção de poucas ilustrações, a descrição e

iconografia da Gruta de Camões tornam-se também o primeiro símbolo de Macau além-fronteiras e são determinantes na construção da ‘imagem’ de Macau no imaginário colectivo ocidental na época.

Embora tenham sido artistas europeus os primeiros a registar e divulgar de forma massiva a Gruta de Camões no final do século XVIII, existe pelo menos uma indicação inequívoca de que já antes um artista chinês o tinha feito. Na transição do século XVIII para o século XIX o Templo de A-Má no Porto Interior e a baía da Praia Grande tornar-se-iam as imagens símbolo do território (em desenhos, pinturas e fotografias). No século XX a imagem simbólica de Macau passa a ser a fachada da Igreja Mater Dei anexa ao colégio jesuíta, vulgo Ruínas de S. Paulo. **RC**

## NOTAS

- 1 O título do manuscrito à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal: ‘Em Este Liuro Se Trata das Cousas e Partidas da India S[cilicet] da Conquista e Navegação del Rey Noso S[e] n[or] Descubertas t[em] o Anno de 1539’.
- 2 Gaspar da Cruz, *Tratado, as Cousas da China* 專著:中國情況, traduzido por Fan Weixin 范維信 (Macau: Museu Marítimo de Macau e Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, 1996), 135.
- 3 Ver capas das primeiras edições em “1<sup>as</sup> Edições Noutras Línguas,” Biblioteca Nacional de Portugal, actualizado em 8 de Maio de 2012, <https://purl.pt/23700/1/all.htm>.
- 4 Luis de Camões, *Os Lusíadas* (Lisboa: Casa de Antonio Gócaluez, 1572), 182v, <https://purl.pt/14997>.
- 5 “Titulo dos Bens de Raiz deste Coll.º de Macao,” em Theophilo Braga, *Historia da Litteratura Portuguesa: Camões — Epoca, Vida e Obra* (Porto: Livraria Chardron, 1907), 612. “Tem mais o Coll.º humas moradas de casas no Campo de patanes junto ao cai[s] de Martis Lopez [...] r[e]dem de alugueres 160 pardaos. Tem mais o Coll.º duas buticas q rendem cada mez ambas 4 pardaos, [...] As cazas vendeo o P<sup>e</sup> Antonio Cardim, sendo Reitor deste Coll.º, por oito centos Pardaos a Gaspar Borges da Fonseca, os quaes 800 pardaos có mais 280 pardaos procedidos do chão do campo dos patanes aos PENEDOS DE CAMÕES, vendeo o dito P<sup>e</sup> Reitor pella dita contia.’ Ver ainda Jordão de Freitas, *Camões em Macau* (Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1911).
- 6 Almerindo Lessa refere que numa edição de Maio de 1786 um jornal inglês publicado em Paris *O Censeur Universal* (cujo título correcto é *Le Censeur Universal Anglois*), publica uma carta de Macau onde se refere ‘um jardim, sobre rochas, no qual segundo a tradição do país, o famoso Camões ia sentar-se para escrever *Os Lusíadas*. É uma arcada muito alta, de uma só pedra servida de entrada a uma gruta cavada à flor da terra. No cimo da rocha, sombreado por árvores majestosas, encontra-se um pequeno templo, ao gosto chinês, de onde se dominam o porto, o mar, as ilhas vizinhas’. Almerindo Lessa, *Macau: Ensaios de Antropologia Portuguesa dos Trópicos* (Lisboa: Editora Internacional, 1996), 411–412.
- 7 James Cook e James King, *A Voyage to the Pacific Ocean. Undertaken, by the Command of His Majesty, for Making Discoveries in the Northern Hemisphere. To Determine the Position and Extent of the West Side of North America; Its Distance from Asia; and the Practicability of a Northern Passage to Europe. Performed under the Direction of Captains Cook, Clerke, and Gore, in His Majesty’s Ships the Resolution and Discovery. In the Years 1776, 1777, 1778, 1779, and 1780*, 3 vols. (Londres: W. and A. Strahan, 1784).
- 8 Cook e King, *Voyage to the Pacific Ocean*, 3:441.

## HALF MILLENIUM OF CAMOES

- 9 James Webber, *Draftsman on Board the Resolution, Captain James Cooke, from the Year 1776 to 1780* (Lonres: Boydell and Company, 1808).
- 10 David Lance foi funcionário da Companhia Britânica das Índias Orientais em Cantão durante cerca de 15 anos. Em paralelo tinha uma sociedade com William Fitzhugh. No regresso a Inglaterra em 1789, Lance viria a casar com uma irmã de Fitzhugh.
- 11 Samuel Shaw e Josiah Quincy, *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author* (Boston: Wm. Crosby and H. P. Nichols, 1847), 247.
- 12 ‘Horto’ significa pequeno terreno onde se cultivam plantas de jardim.
- 13 Chrétien Louis Joseph de Guignes, *Voyages à Peking, Manille et l’Île de France, faits dans l’intervalle des années 1784 à 1801* (Paris: L’Imprimerie Impériale, 1808), 3:181.
- 14 Edmund Spenser (1552/1553–1599), poeta inglês e o autor de *The Faerie Queene*, poema épico de homenagem à Dinastia Tudor e à Rainha Isabel I de Inglaterra.
- 15 No dia 10 de Junho de 1580 (O Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas).
- 16 Thomas Daniell e William Daniell, “Camoens’ Cave, Macao,,” em *A Picturesque Voyage to India; by the Way of China* (Londres: Thomas Davison, 1810).
- 17 Beatriz Basto da Silva, *Cronologia da História de Macau* (Macau: Livros do Oriente, 2015), vol. 1, 316.
- 18 Jean-François de Galaup, *Voyage de La Pérouse Autour du Monde*, 4 vols. (Paris: L’Imprimerie de la République, 1797).
- 19 Andreas Everardus van Braam Houckgeest, *Voyage de l’ambassade de la Compagnie des Indes Orientales Hollandaises, vers l’empereur de la Chine, dans les années 1794 & 1795: Où se trouve la description de plusieurs parties de la Chine inconnues aux Européens, & que cette Ambassade a donné l’occasion de traverser* (Filadélfia: M. L. E. Moreau de Saint-Méry, 1798), 2:257–258.
- 20 Membro da Academia Real Irlandesa (M. R. I. A). De origem irlandesa, Eyles Irwin nasceu em Calcutá, mas estudou ainda jovem em Inglaterra. Poeta e escritor foi também funcionário da Companhia Britânica das Índias Orientais desde o início da década de 1790, vivendo entre Macau e Cantão durante um curto período nos primeiros anos dessa década. Dedicou um dos seus poemas (um soneto) à Gruta de Camões escrito a 13 de Maio de 1793. Intitulado ‘*To Camoens’ Grotto at Macao, on the Coast of China*’ e publicado em Novembro de 1794 na *The Gentleman’s Magazine* (p. 1035): ‘High-favored grot! that on the jutting verge/ Of old Carthay, in shades sequestered, placed,/ Saw, with the poet’s form, thy pavement graced,/ Studious, his lyre to epic heights to urge./ This be thy fame — not that the wreath, which age/ Weaves for thy region, with mysterious hands;/ Nor yet the achievements of the daring bands,/ Whose glory blazed, unrivaled, on the stage:/ Veiled is her pride! their sun is set in shame!/ But oft the pilgrim to this cell shall stray,/ Still find the Poet living in his lay,/ While taste and genius glow at CAMOENS’ name:/ Still, with thy votary, strew the sill with flowers,/ Their lot far happier own, but ah! less blest their powers!’
- 21 William Ouseley, ed., *The Oriental Collections: Consisting of Original Essays and Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers; Illustrating the History and Antiquities, the Arts, Sciences, and Literature, of Asia* (Londres: Cooper and Graham, 1797), 1:126, 128–129.
- 22 James Drummond (1767–1851) era o arrendatário da Casa Garden. Escocês, funcionário da Companhia Britânica das Índias Orientais em Cantão, primeiro como *supercargo* (sobrecarga/negociante) tendo chegado ao cargo de presidente, entre 1801 e 1807, ano em que regressou à Escócia.
- 23 Peter Dobell, *Travels in Kamtchatka and Siberia; with a Narrative of a Residence in China* (Londres: Henry Colburn and Richard Bentley, 1830), 2: 127, 134.
- 24 E. Backhouse e J. O. P. Bland, *Annals & Memoirs of the Court of Peking (From the 16<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> Century)* (Boston: Houghton Mifflin, 1914).
- 25 Aeneas Anderson, *A Narrative of the British Embassy to China, in the Years 1792, 1793, and 1794; Containing the Various Circumstances of the Embassy; with Accounts of Customs and Manners of the Chinese; and a Description of the Country, Towns, Cities, &c. &c.* (Londres: J. Debrett, 1795), 389.
- 26 ‘Uma ilha com muita vegetação’: Ilha Verde.
- 27 ‘Uma costa montanhosa’: Ilha da Lapa. Anderson, *Narrative of the British Embassy*, 391–392.
- 28 George Leonard Staunton, *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China; Including Cursory Observations Made, and Information Obtained, in Travelling through that Ancient Empire, and a Small Part of Chinese Tartary* (Londres: G. Nicol, 1797), 2:589–590.
- 29 Staunton, *Authentic Account*, 1:xxxiv.
- 30 William Julius Mickle (1734–1788), poeta escocês que traduziu para inglês *Os Lusíadas*, obra que lhe granjeou fama: *The Lusiad; or, the Discovery of India. An Epic Poem.*
- 31 Johann Christian Hüttner, *Nachricht von der Britischen Gesandtschaftsreise durch China und einen Theil der Tartarei* (Berlim: Vossische Buchhandlung, 1797), 188–189.
- 32 George Macartney, *An Embassy to China: Being the Journal Kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Ch’ien-Lung, 1793-1794* (Londres: Longmans, 1963), 219.
- 33 Henry William Parish, cartógrafo, *Plan of Camoens’ Garden*, 1794.
- 34 “Direcção das Obras Publicas da Provincia de Macau e Timor — Relatório,” Suplemento ao *Boletim da Provincia de Macau*

## MEIO MILÉNIO DE CAMÕES

- e Timor*, vol. 32, n.º 36, 14 de Setembro de 1886, 356.
- 35 Manoel Pereira (1757–1826), comerciante, chegou a Macau oriundo de Portugal em c. 1790.
- 36 Ray Desmond, *Dictionary of British & Irish Botanists and Horticulturists Including Plant Collectors, Flower Painters and Garden Designers* (Londres: Taylor & Francis; The Natural History Museum, 1994).
- 37 Elizabeth Drury e Harriet Bridgeman, *Guide to the Gardens of Britain & Europe* (Londres: Granada, 1979).
- 38 Manuel Teixeira, *Macau no Séc. XVIII* (Macau: Imprensa Nacional de Macau, 1984).
- 39 Henry Ellis, *Journal of the Proceedings of the Late Embassy to China; Comprising a Correct Narrative of the Public Transactions of the Embassy, of the Voyage to and from China, and of the Journey from the Mouth of the Pei-Ho to the Return to Canton* (Londres: John Murray, Albemarle-street, 1817), 428.
- 40 Ouseley, *Oriental Collections*, 1:129.
- 41 Ouseley, *Oriental Collections*, 1:128.
- 42 Legenda manuscrita. Muitos dos desenhos e aguarelas produzidos durante a embaixada de Macartney, nomeadamente por William Gomm e William Alexander, fazem parte dos espólios do *The British Museum* (Museu Britânico, Londres) e da *The British Library* (Biblioteca Nacional do Reino Unido, Londres).
- 43 Thomas Allom e G. N. Wright, *China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits, of that Ancient Empire* (Londres: Fisher, Son, 1843).
- 44 G. N. Wright, prefácio a *China, in a Series of Views*.

## BIBLIOGRAFIA

- Allom, Thomas, e G. N. Wright. *China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits, of that Ancient Empire*. Londres: Fisher, Son, 1843.
- Anderson, Aeneas. *A Narrative of the British Embassy to China, in the Years 1792, 1793, and 1794; Containing the Various Circumstances of the Embassy; with Accounts of Customs and Manners of the Chinese; and a Description of the Country, Towns, Cities, &c. &c.* Londres: J. Debrett, 1795.
- Backhouse, E., e J. O. P. Bland. *Annals & Memoirs of the Court of Peking (From the 16<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> Century)*. Boston: Houghton Mifflin, 1914.
- Biblioteca Nacional de Portugal. “1<sup>as</sup> Edições Noutras Línguas.” Atualizado em 8 de Maio de 2012. <https://purl.pt/23700/1/all.htm>.
- Braga, Theophilo. “Título dos Bens de Raiz deste Coll.º de Macao.” Em *Historia da Litteratura Portugueza: Camões — Epoca, Vida e Obra*, 612. Porto: Livraria Chardron, 1907.
- Camões, Luis de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Casa de Antonio Gócalvez, 1572. <https://purl.pt/14997>.
- Cook, James, e James King. *A Voyage to the Pacific Ocean. Undertaken, by the Command of His Majesty, for Making Discoveries in the Northern Hemisphere. To Determine the Position and Extent of the West Side of North America; Its Distance from Asia; and the Practicability of a Northern Passage to Europe. Performed under the Direction of Captains Cook, Clerke, and Gore, in His Majesty's Ships the Resolution and Discovery. In the Years 1776, 1777, 1778, 1779, and 1780*. 3 vols. Londres: W. and A. Strahan, 1784.
- Cruz, Gaspar da. *Tratado, as Cousas da China* 專著:中國情況. Traduzido por Fan Weixin 范維信. Macau: Museu Marítimo de Macau e Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, 1996.
- Daniell, Thomas, e William Daniell. “Camoens’ Cave, Macao.” Em *A Picturesque Voyage to India; by the Way of China*. Londres: Thomas Davison, 1810.
- Desmond, Ray. *Dictionary of British & Irish Botanists and Horticulturists Including Plant Collectors, Flower Painters and Garden Designers*. Londres: Taylor & Francis; The Natural History Museum, 1994.
- Dobell, Peter. *Travels in Kamtchatka and Siberia; with a Narrative of a Residence in China*. Vol. 2. Londres: Henry Colburn and Richard Bentley, 1830.
- Drury, Elizabeth, e Harriet Bridgeman. *Guide to the Gardens of Britain & Europe*. Londres: Granada, 1979.
- Ellis, Henry. *Journal of the Proceedings of the Late Embassy to China; Comprising a Correct Narrative of the Public Transactions of the Embassy, of the Voyage to and from China, and of the Journey from the Mouth of the Pei-Ho to the Return to Canton*. Lonres: John Murray, Albemarle-street, 1817.
- Freitas, Jordão de. *Camões em Macau*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1911.
- Galaup, Jean-François de. *Voyage de La Pérouse Autour du Monde*. 4 vols. Paris: L’Imprimerie de la République, 1797.
- Guignes, Chrétien Louis Joseph de. *Voyages à Peking, Manille et l’Île*

## HALF MILLENIUM OF CAMÕES

- de France, faits dans l'intervalle des années 1784 à 1801.* Paris: L'Imprimerie Impériale, 1808.
- Houckgeest, Andreas Everardus van Braam. *Voyage de l'ambassade de la Compagnie des Indes Orientales Hollandaises, vers l'empereur de la Chine, dans les années 1794 & 1795: Où se trouve la description de plusieurs parties de la Chine inconnues aux Européens, & que cette Ambassade à donné l'occasion de traverser.* Vol. 2. Filadélfia: M. L. E. Moreau de Saint-Méry, 1798.
- Hüttner, Johann Christian. *Nachricht von der Britischen Gesandtschaftsreise durch China und einen Theil der Tartarei.* Berlin: Vossische Buchhandlung, 1797.
- Irwin, Eyles. "To Camoens' Grotto at Macao, on the Coast of China." *The Gentleman's Magazine*, Novembro de 1794.
- Lessa, Almerindo. *Macau: Ensaios de Antropologia Portuguesa dos Trópicos.* Lisboa: Editora Internacional, 1996.
- Macartney, George. *An Embassy to China: Being the Journal Kept by Lord Macartney during His Embassy to the Emperor Ch'ien-Lung, 1793-1794.* Londres: Longmans, 1963.
- Ouseley, William, ed. *The Oriental Collections: Consisting of Original Essays and Dissertations, Translations and Miscellaneous Papers; Illustrating the History and Antiquities, the Arts, Sciences, and Literature, of Asia.* Vol. 1. Londres: Cooper and Graham, 1797.
- Shaw, Samuel, e Josiah Quincy. *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton. With a Life of the Author.* Boston: Wm. Crosby and H. P. Nichols, 1847.
- Silva, Beatriz Basto da. *Cronologia da História de Macau.* Macau: Livros do Oriente, 2015.
- Staunton, George Leonard. *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China; Including Cursory Observations Made, and Information Obtained, in Travelling through that Ancient Empire, and a Small Part of Chinese Tartary.* Londres: G. Nicol, 1797.
- Teixeira, Manuel. *Macau no Séc. XVIII.* Macau: Imprensa Nacional de Macau, 1984.
- Webber, James. *Draftsman on Board the Resolution, Captain James Cooke, from the Year 1776 to 1780.* Londres: Boydell and Company, 1808.
- Wright, G. N. Prefácio a *China, in a Series of Views, Displaying the Scenery, Architecture, and Social Habits, of that Ancient Empire.* Londres: Fisher, Son, 1843.

